



O lugar da Agroecologia no currículo da graduação em Geografia

Paulo Eduardo Rolim Campos

Marcelo Casimiro Cavalcante

Vilmar Luiz Lermen

Luciana Melo de Medeiros Rolim Campos

RESUMO

Este trabalho objetiva apresentar os resultados de uma pesquisa documental realizada mediante análise das matrizes curriculares de todos os cursos de Geografia ofertados nas instituições públicas de ensino superior do Brasil, aferindo acerca da presença / ausência de disciplinas de Agroecologia e afins em seus currículos. Das 101 instituições de ensino superior público que ofertam curso de graduação em Geografia em todo o Brasil, apenas nove (cerca de 9%) adotam explicitamente a Agroecologia e afins em seus PPP. Em três (cerca de 3%) das instituições não foi possível o acesso à matriz curricular e a consequente análise. A oferta de disciplinas de Agroecologia e afins estão presentes em apenas sete Estados de três Regiões (Nordeste: Bahia, Maranhão e Pernambuco; Sudeste: Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro; e no Sul: Santa Catarina).

Palavras-chave: Ciência holística; Ensino superior; Ruptura epistêmica; Virada Paradigmática.

THE PLACE OF AGROECOLOGY IN THE CURRICULUM OF UNDERGRADUATE GEOGRAPHY

ABSTRACT

This paper aims to present the results of a documental research carried out by analyzing the curricular matrices of all Geography courses offered in public institutions of higher education in Brazil, assessing the presence / absence of Agroecology and related disciplines in their curricula. Of the 101 public higher education institutions that offer undergraduate courses in Geography throughout Brazil, only nine (about 9%) explicitly adopt Agroecology and the like in their PPPs. In three (about 3%) of the institutions, it was not possible to access the curriculum and the consequent analysis. The offer of Agroecology and related disciplines is present in only seven states in three regions (Northeast: Bahia, Maranhão and Pernambuco; Southeast: Espírito Santo, Minas Gerais and Rio de Janeiro; and South: Santa Catarina).

Keywords: Epistemic rupture; Holistic science; Paradigmatic turn; University education.

EL LUGAR DE LA AGROECOLOGÍA EN EL CURRÍCULO DE GEOGRAFÍA DE PREGRADO

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar los resultados de una investigación documental realizada mediante el análisis de las matrices curriculares de todos los cursos de Geografía ofrecidos en instituciones públicas de educación superior en Brasil, evaluando la presencia / ausencia de Agroecología y disciplinas afines en sus planes de estudio. De las 101 instituciones públicas de educación superior que ofrecen cursos de graduación en geografía en todo Brasil, solo nueve (alrededor del 9%) adoptan explícitamente la Agroecología y similares en sus PPP. En tres (alrededor del 3%) de las instituciones no fue posible acceder al plan de estudios y el consecuente análisis. La oferta de Agroecología y disciplinas afines está presente en solo siete estados en tres regiones (Noreste: Bahía, Maranhão y Pernambuco; Sudeste: Espírito Santo, Minas Gerais y Río de Janeiro; y Sur: Santa Catarina)

Palabras-clave: Ciencia holística; Enseñanza superior; Giro paradigmático; Ruptura epistémica.

INTRODUÇÃO

Na perspectiva de se fazer justiça social, uma parcela daqueles que fazem a ciência geográfica brasileira vem promovendo uma ambiência favorável às reflexões e práticas sob a égide do pensamento contra colonial (Santos, 2015). Pouco a pouco se consolidam as bases epistemológicas que fundamentam a formação de um(a) profissional da ciência geográfica genuinamente comprometido(a) com o ideal de emancipação e transformação social.

Um dos pioneiros foi o geógrafo-médico Josué de Castro (1908–1973), ainda na década de 1970 o autor reflete acerca das estratégias de desenvolvimento dos países periféricos. Castro (2003) apontou caminhos para uma desobediência epistêmica denunciando o modelo de ensino universitário em voga nestes países, sendo este modelo incapaz de impulsionar uma criatividade renovadora. Castro entendia que a justiça cognitiva era o único meio de haver uma genuína justiça social:

(...) Procurar encontrar o meio de integrar os valores científicos e tecnológicos no patrimônio dos valores representativos de outras civilizações não ocidentais, eis o único meio de desenvolver o mundo com equilíbrio, e não sob o signo perigoso de uma dominação que provoca em toda parte a revolta. (...) (CASTRO, 2003 [1971], p. 118)

Essa justiça cognitiva apontada por Josué de Castro seria um antídoto contra o que mais tarde a cientista indiana Vandana Shiva cunharia de *Monoculturas da Mente* (Shiva, 2003). Monocultura esta indutora de práticas hostis e negligentes para com a diversidade e a originalidade da produção intelectual ancestral e contemporânea que partiu e parte de muitos lugares tidos como periféricos. No entanto, no seio dessa desobediência epistêmica encontram-se as ciências de base holística, a qual emergiu a Agroecologia, que segundo Altieri (2002) “*o uso contemporâneo do termo agroecologia data dos anos 70, mas, a ciência e prática da agroecologia têm a idade da própria agricultura*”.

A visão de mundo agroecológica, contrapõe-se a excessiva disciplinarização, disciplinarização essa, o cerne do paradigma dominante da ciência moderna. A Agroecologia é de

natureza anti-hegemônica e uma indutora de uma transformação social, ela alicerça-se no tripé: prática-ciência-movimento social. De acordo com Caporal & Costabeber (2004), agroecologia é uma "ciência que estabelece as bases para a construção de estilos de agriculturas sustentáveis e de estratégias de desenvolvimento rural sustentável".

Vale ressaltar que, assim como a conceituação científica da Agroecologia é um fato relativamente recente, os processos de institucionalização do ensino superior que a envolvem idem, por sua vez, estudos e reflexões acerca destes processos ainda se apresentam de modo incipiente. No entanto, podemos contar com alguns trabalhos de grande relevância como os de Aguiar (2010), Azevedo (2011), Jacob (2011), Stamato (2012), Gomes (2014), Pinto (2014) e Sousa (2015; 2017). Todos abordam a pretensa necessidade de uma virada epistemológica, cada um à sua maneira, com níveis distintos de percepção e profundidade reflexiva.

Outra considerável contribuição surge a partir dos Seminários Nacionais de Educação em Agroecologia, organizados pela Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), realizados em Recife/PE — 2013 e Seropédica/RJ — 2016. Destes encontros emergem os princípios orientadores e as diretrizes curriculares dos processos de Educação em Agroecologia, quais sejam:

Princípio da Vida: É na natureza onde se reproduzem e se realizam todas as formas de vida, inclusive a dos seres humanos.

Princípio da Diversidade: O princípio da diversidade se contrapõe às concepções totalizadoras, homogêneas, padronizadoras, universais e excludentes presentes na educação.

Princípio da Complexidade: A realidade é complexa e requer um pensamento também complexo.

Princípio da Transformação: A educação deve ser tomada como uma ferramenta de conscientização e libertação das estruturas ideológicas de dominação que sustentam a sociedade hegemônica, para formar profissionais críticos/as e criativos/as, com capacidades para compreender e atuar com autonomia para a promoção da vida e da sustentabilidade do planeta. (AGUIAR *et. al*, 2016, p. 07)

No entanto, antecedendo a realização destes eventos, e por sua vez a concepção destes princípios, estavam trabalhadoras e trabalhadores rurais, bem como os movimentos sociais do campo que, embora historicamente marginalizados, sempre expressaram genuínas e criativas formas de resistência por experiências de base agroecológica. Essas experiências são portadoras de ensinamentos e inspirações que, pautadas pelo respeito à natureza e às culturas locais, estão paulatinamente promovendo fissuras nas políticas públicas educacionais, especialmente nos níveis médios e técnicos, superiores e na pós-graduação.

Um bom exemplo disso é o processo de “transição agroecológica”¹ que ocorreu no ensino superior público do Estado da Paraíba, onde num curto espaço de tempo (2008 – 2012), todas as instituições públicas de ensino superior localizadas nesta Unidade da Federação, passaram a ofertar cursos regulares de Agroecologia. Isso tudo decorrente de um contexto de luta e articulação dos movimentos sociais do campo, fenômeno inigualável no restante do país.

Na Paraíba, ao longo de sua história recente, mesmo diante das adversidades ambientais, econômicas, culturais, políticas e sociais, a classe trabalhadora rural tem sido protagonista de importantes processos de luta. Nos anos 1950, as Ligas Camponesas ofereceram resistência ao latifúndio em várias partes do Brasil, e tiveram na Paraíba um dos principais epicentros desse movimento que tinha como ideal a reforma agrária.

Outro baluarte da luta das populações do campo foi à agricultora Margarida Maria Alves (1933 – 1983), uma mulher agricultora que quando da função de sindicalista, de maneira aguerrida deliberadamente ofereceu resistência aos desmandos dos usineiros que tradicionalmente usurpavam os direitos daqueles sujeitos que exerciam a labuta na indústria canavieira. Em 1983 quando presidia o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, Margarida Alves foi assassinada, entrando para a história do Brasil como um importante marco da resistência feminina da luta no campo.

Em 1993, pautadas no ideal de convivência com o semiárido brasileiro, várias organizações sociais de trabalhadoras e trabalhadores rurais, em conjunto com entidades parceiras, criam a Articulação do Semiárido Paraibano (ASA Paraíba). Desde então, as estratégias de convivência com o semiárido implementadas pela ASA Paraíba estão alicerçadas no paradigma agroecológico, a exemplo das “Festas das Sementes da Paixão” e os “Encontros Paraibanos de Agroecologia”.

Assim, fruto desse processo histórico, em 2008 foi implantado na Universidade Estadual da Paraíba no *Campus* de Lagoa Seca, o primeiro curso superior de Agroecologia da região Nordeste. Hoje, a Paraíba congrega um total 6 cursos, e é evidente que estes nasceram demandados pelos

¹ Faz-se aqui uma analogia ao conceito de transição agroecológica que: é o processo gradual com orientação e acompanhamento de transformação das bases produtivas e sociais para recuperar a fertilidade e o equilíbrio ecológico do agroecossistema em acordo com os princípios da Agroecologia, priorizando o desenvolvimento de sistemas agroalimentares locais e sustentáveis, considerando os aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos (SÃO PAULO, 2016)

movimentos sociais do campo, que mediante uma articulação interinstitucional junto às instituições de ensino superior, conforme se observa abaixo:

Vale ressaltar que o curso tem suas origens nas demandas sociais explicitadas em carta assinada por diversas organizações pertencentes à Articulação do Semiárido Paraibano e entregue à reitoria da UEPB e que desembocou em sua criação (UEPB, 2016, p. 38).

O Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia, ofertado pelo IFPB — *Campus* Picuí, foi criado em razão de uma Audiência Pública realizada na Câmara Municipal de Picuí, em 26 de outubro de 2007, que concluiu ser esse curso uma demanda regional (IFPB, 2017, p.16).

Projeto acalentado pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG) desde 2001 por intermédio da instalação do *Campus* Avançado da UFCG na Escola Agrotécnica de Sumé (EAS). Esta ação foi implementada a partir da constituição de um Conselho Deliberativo reunindo estas instituições com movimentos sociais e organizações da sociedade civil do “território” do Cariri paraibano, o qual viria a elaborar o projeto político-pedagógico (UFCG, 2012, p. 2).

A criação do Curso de Graduação de Agroecologia no Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias da Universidade Federal da Paraíba foi fruto de um diálogo com a comunidade universitária a partir do REUNI e principalmente com a sociedade civil organizada, destacando-se a participação das ONGs AS-PTA, ARRIBAÇÃ, ONGIFA, movimentos sociais e agricultores (UFPB, 2010, p. 1).

Assim, após essa breve exemplificação sobre como vem se constituindo os processos de institucionalização do ensino de Agroecologia, fica evidente que por meio da educação em Agroecologia busca-se uma transformação social nos territórios a qual estão assentados, logo, sendo a ciência geográfica notadamente aquela que dialoga acerca da dinâmica socioespacial dos territórios, faz-se necessário estreitar os laços com a ciência agroecológica, trazendo-a para o seio de suas reflexões.

Esta comunicação objetiva apresentar os resultados de pesquisa realizada junto aos cursos de Geografia ofertados pelas instituições públicas de ensino superior do Brasil, no intuito de aferir quanto à presença / ausência de disciplinas de Agroecologia e afins em seus currículos.

METODOLOGIA

Entendendo e observando que essas informações que buscamos apresentar estão dispersas, e restritas a plataformas de difícil acesso, realizamos uma revisão bibliográfica, bem como uma análise documental junto a todas as instituições de ensino superior público do Brasil que ofertam cursos de graduação em Geografia (Bacharelado e/ou Licenciatura), entre os anos de 2002 e 2022, analisando os Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) e suas respectivas matrizes curriculares.

Foram acessados dados do Ministério da Educação (MEC), disponíveis na plataforma eletrônica do Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior Cadastro (*e-MEC*). A partir de uma listagem dos estados da federação, por ordem alfabética, buscava-se todas as instituições de ensino pública do referido estado e fazia uma rigorosa análise dos arquivos e documentos em busca de disciplinas, áreas de atuação, temáticas que trouxesse a Agroecologia como parte integrante do currículo dos cursos de Geografia.

RESULTADOS

Ao analisar os documentos de todas as instituições públicas de ensino superior (Universidades Estaduais/Federais e Institutos Federais) que ofertam graduação em Geografia, pode-se traçar um perfil da aceitação da Agroecologia por parte dos centros formadores de novos(a) geógrafo(a)s, entendendo o geógrafo(a) enquanto todos os sujeitos que passam por um processo de formação universitária no campo da Geografia, seja ela uma licenciatura ou bacharelado.

No Quadro 1, observam-se as instituições que já incorporam a Agroecologia em seus currículos, bem como a nomenclatura da disciplina com sua respectiva ementa, bem como algumas observações quanto sua operacionalização, a exemplo do período em que foi implantada na matriz curricular.

Quadro 1 — Presença da Agroecologia nos currículos nos cursos públicos de graduação em Geografia no Brasil.

Instituição	Disciplina	Ementa	Observação
Universidade Federal Fluminense (UFF)	Agroecologia	Agroecologia: histórico e conceitos. Agroecossistemas. Aspectos ecológicos da produção agrícola. Sistemas de produção. Agricultura tradicional. Percepção e interpretação do ambiente agrícola. Agricultura familiar. Manejo ecológico do agroecossistema. Agricultura sustentável. Panorama contemporâneo.	Ofertada entre 1998–2010 de modo optativa para o bacharelado e licenciatura, sendo a disciplina desativada por ocasião da transferência da docente responsável para a Universidade Federal do Pernambuco (Pereira, 2016)
Universidade Estadual do	Agroecologia	Agroecologia: conceitos e princípios; Agroecologia como uma ciência interdisciplinar; A	Ofertada de modo optativa para a licenciatura desde 2008, e

Maranhão (UEMA)		relação agroecologia versus agricultura familiar; Agricultura sustentável no século XXI.	para o bacharelado em 2010 (Mota, 2010).
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)	Agroecologia Geografia e Agroecologia	Conceito de Agroecologia e Agricultura Sustentável. Escolas Alternativas. Análise da Agricultura Moderna / Convencional e seus Custos Ambientais, Sócio-Econômicos e Culturais. Conceito e Dinâmica dos Sistemas Agrícolas/Agroecossistemas. As Características Ecológicas dos Sistemas Agrícolas. Desenvolvimento Regional e os Rumos para uma Agroecologia e Agricultura Sustentável. Introdução à Agroecologia. Geografia das plantas cultivadas. História da agricultura. Análise da Agricultura Moderna. Movimentos sociais, ambientais e agroecológicos. Correntes de Agricultura Alternativa. Base natural e ecológica dos sistemas agrícolas. Sistemas tradicionais de cultivo. Agricultura orgânica. Atividades práticas e trabalho de campo.	Ambas as disciplinas são ofertadas de modo optativa para o bacharelado e a licenciatura desde 2009.
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	Agroecologia	Marcos conceituais: Agroecologia no contexto da interdisciplinaridade e das etnociências. Ecologia dos sistemas agrícolas. Histórico: Agricultura na História do homem. Os agrossistemas tradicionais. Histórico da agricultura moderna. Sistemas agroecológicos ou agriculturas sustentáveis: A crítica da agricultura moderna — manejo ecológico dos agrossistemas e as agriculturas alternativas. Agroecologia no Brasil.	Ofertada de modo optativa desde 2010, porém a unidade acadêmica responsável é Departamento de Ecologia (Ázara, Tubenclak & Lima, 2017).
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Introdução a Permacultura	Definição e conceito histórico. Ética e princípios da permacultura. Fundamentos de ecologia e clima. Padrões naturais. Leitura da	Ofertada de modo optativa para o bacharelado e a

		paisagem. Métodos de planejamento do espaço. Ecologia cultivada. Água. Solos. Planejamento para eventos extremos. Arquitetura e permacultura. Energias e seus fluxos. Estruturas invisíveis. Duas práticas de campo.	licenciatura desde 2012 (Nanni, 2020).
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	Agroecologia	Agroecologia: histórico e conceitos. História da agricultura. Agroecossistemas. Aspectos ecológicos da produção agrícola. Sistemas de produção. Agricultura tradicional. Percepção e interpretação da natureza. Manejo e recuperação ambiental na interface do agrário e do ecológico. Agricultura camponesa familiar. Manejo ecológico do agroecossistema. Agricultura sustentável. Panorama contemporâneo. Ecoalfabetização. Metodologias pedagógicas participativas.	Ofertada de modo obrigatório desde 2013 para o bacharelado, e optativa para a licenciatura, vale ressaltar que a docente é a mesma responsável pela implantação da disciplina que se encontra desativada na Universidade Federal Fluminense (Pereira, 2016).
Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB)	Agroecologia	Agroecologia: ciência, práticas agrícolas e movimentos sociais. Agricultura de base agroecológica e saberes tradicionais. Metodologias participativas para projetos agroecológicos. Manejo, tecnologias e processos para a transição agroecológica. Componente curricular com necessidade de atividades de campo.	Ofertada desde 2015, de modo obrigatória para o bacharelado e optativa para a licenciatura (UFOB, 2015a; 2015b).
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	Agricultura Urbana e agroecologia e saberes e práticas metropolitanas	A disciplina visa sensibilizar os alunos para as temáticas da agricultura urbana e da agroecologia em suas múltiplas interfaces com outras áreas do conhecimento, explorando as experiências e práticas identificadas na RMBH. Na forma de seminários, a disciplina busca promover o debate entre os alunos no desenvolvimento de temas específicos, bem como se	Ofertada de forma extraordinária em 2018 no modo optativa para o bacharelado e licenciatura no âmbito da disciplina Tópicos Especiais em Geografia II (AUÊ, 2018).

		beneficiará do debate com convidados que desenvolvem pesquisas sobre a temática e/ou se articulam no apoio e mobilização de grupos de agricultores metropolitanos nas atividades de cultivo, consumo, comercialização e certificação dos produtos.	
Instituto Federal do Espírito Santo (IFES)	Agroecologia na Educação Básica.	Dimensões da agroecologia, correntes da agroecologia, agrobiodiversidade e sujeitos do campo, processos ecológicos, cooperação agrícola, soberania alimentar. Ecoalfabetização e Permacultura.	Ofertada a partir de 2020 de modo optativo para licenciatura (IFES, 2019).

Fonte: Autores, 2022.

Das 101 intuições de ensino superior público que ofertam curso de graduação em Geografia em todo o Brasil, apenas nove (cerca de 9 %) adotam explicitamente a Agroecologia e afins em seus PPP. Em três (cerca de 3 %) das instituições não foi possível o acesso à matriz curricular e a consequente análise, pois os documentos não estão disponíveis em seus sítios eletrônicos de internet. Constata-se uma ínfima adesão por parte dos centros formadores em Geografia no Brasil, no que concerne a oferta de disciplinas de Agroecologia e afins, estas se fazem presentes apenas em sete Estados de três Regiões (Nordeste: Bahia, Maranhão e Pernambuco; Sudeste: Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro; Sul: Santa Catarina).

Como já dito anteriormente, em se tratando de um processo relativamente recente, os estudos e as reflexões acerca dos processos de institucionalização do ensino superior de Agroecologia, no campo geográfico também se apresentam de modo incipiente como em outras áreas. No entanto, podemos contar com os robustos trabalhos de Pereira (2016), atualmente no Núcleo de Educação, Pesquisas, Práticas em Agroecologia e Geografia (NEPPAG), unidade acadêmica do Departamento de Geociências da Universidade Federal de Pernambuco, de Nanni, Blankensteyn, Sigolo, Nór & Venturi (2018), Nanni, Nór, Blankensteyn, Corrêa, Couto, Mota, Venturi, Martins, Signolo & Pessoa (2019), e Nanni (2020), através do Núcleo de Estudos em Permacultura (NEPERMA) do Departamento de Geociências da Universidade Federal de Santa Catarina, bem como o trabalho de AUÊ (2020), e Costa, Martins & Alencar (2021) no Grupo AUÊ! Estudos em Agricultura Urbana do

Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais. Ambos os grupos trabalham sob a ótica de uma reflexiva e profunda transformação epistemológica.

Outras oportunidades de reflexão acerca da contribuição da Agroecologia a Geografia e vice-versa, foram fomentadas de maneira pontual por ocasião de importantes encontros que tinham a Agroecologia como tema central. A primeira ocorreu por conta do VII Congresso Brasileiro de Agroecologia, organizado pela Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), na cidade de Fortaleza/CE em 2011. Na oportunidade foi realizada a oficina intitulada *Contribuições da geografia na construção do conhecimento agroecológico* (ABA, 2011), infelizmente não constam registros com detalhes acerca da realização deste que certamente deve ter sido um rico momento.

A segunda foi por ocasião do IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA), organizado pela Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), realizado na cidade de Belo Horizonte/MG em 2018. A partir da realização deste encontro, emergiu uma espécie de “manifesto” de autoria de Pasini & D’Andrea (2018).

É notória a relação entre a ciência geográfica e a agroecologia que no IV ENA se fez presente, entre outros elementos, nos diversos temas debatidos nos seminários temáticos, como: biodiversidade: bem comum, soberania alimentar e territorial dos povos do Brasil; educação do campo; mudanças climáticas; agrotóxicos e transgênicos; direito à terra e ao território; agricultura urbana e direito a cidade; agroecologia e seu papel na defesa da água enquanto bem comum. Considerando que a geografia atravessa esta multiplicidade de temas (nos campos teórico e prático), percebemos que a bandeira da agroecologia ainda é muito tímida dentro da AGB, enquanto entidade nacional. Isto se expressa, por exemplo, na ausência da própria palavra nas ementas dos eixos temáticos do XIX Encontro Nacional de Geógrafos, assim como do XVIII ENG. Isto não quer dizer que as Seções Locais e os GT’s não estejam articulados e em diálogo com a temática. Existem seções locais que tem ações junto ao movimento agroecológico local, debatendo e atuando nesse campo. Inclusive a participação no IV ENA foi fruto desses envolvimento, estando algumas seções inseridas em seu processo de construção. Vemos assim, que, aos poucos, cresce o envolvimento temático e prático da agroecologia na entidade. (Pasini & D’Andrea, n.p. 2018)

Essa nota é assinada pela Seção Local Viçosa/MG e o Grupo de Trabalho de Agrária do Rio de Janeiro e Niterói, ambos organismos da Associação de Geógrafos do Brasil. A nota é encerrada provocando aquelas pessoas que fazem a ciência geográfica no Brasil com a seguinte indagação “*De que maneira a geografia brasileira irá pensar e fazer a agroecologia no século XXI?*” (Pasini & D’Andrea, 2018).

Mediante a efetiva participação no encontro (IV ENA 2018) por parte dos autores que hora escrevem, somos categóricos em reafirmar o tão quanto é legítimo o teor do manifesto, efetivamente

vivenciamos diversos processos metodologicamente contextualizados de participação dos diversos povos, gêneros e organizações. O caráter auto organizativo do encontro, bem como a socialização de experiências devidamente alinhadas por temáticas territoriais e regionais do país, concatenadas com as demandas e as conquistas, com os conflitos e resistências, são exemplos de uma efetiva interação dos processos que lastreiam o exercício científico da Agroecologia e da Geografia.

Nos últimos 20 anos no Brasil temos vivenciado experiências inovadoras no que tange a Agroecologia como ciência, com práticas ecológicas produtivas, organizativas e metodológicas. Ambas realizadas desde às dimensões básicas juntos aos camponeses, perpassando as organizações da sociedade civil e nas diversas esferas de governos. Hora mais progressistas, hora mais tímidas, tendendo ao conservador em alguns casos, mas, com profunda relações de auto-organização para o enfrentamento do “*status quo*” dominante, visando uma libertação, participação popular com autonomia e independência. Diversas são as formas, expressões e metodologias utilizadas nas práticas sociais no cotidiano no país afora. Sejam elas da luta pela ocupação dos territórios e da questão agrária e fundiária praticados pelos movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Na ANA, ABA, CONSEA (Conselho Nacional de Segurança Alimentar Nutricional), CONDRAF (Conselho Nacional de Desenvolvimento da Agricultura Familiar), CONTAG, outras instâncias políticas, como nas bases dos grupos produtivos, associações, cooperativas de produção e comercialização, favorecendo a produção e reprodução dos modos de vida, baseados na Agroecologia.

Cabe ainda aqui uma reflexão para a não generalização dos termos e conceitos dessa relação entre as pessoas e a natureza, e da não apropriação pelo capital dos mesmos, mantendo a forma eurocêntrica de pensar as ciências e suas amarras do sistema. A Agroecologia visa primeiro a ética biocêntrica como um princípio a ser praticado. Precisamos estarmos vigilantes neste contexto, para a não vulgarização e banalização dos termos e conceitos agroecológicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de um histórico contexto de múltiplas demandas reprimidas, faz-se necessário reafirmar o lugar de direito da agroecologia na formação universitária dos futuros fazedores da ciência geográfica. Evidencia-se uma urgente e necessária revisão e atualização dos currículos básicos das instituições públicas de ensino superior, visto que estas detêm um importante papel na construção da

ciência geográfica brasileira. Revisão essa que centre as escolhas, as definições e a estrutura curricular desmembrada das históricas relações de poder por trás do conhecimento, e incorpore elementos pedagógicos que tenha como base as práticas de vida, que seja inclusiva, diversa (etno-socio-cultural), que atenda às mudanças e evoluções da sociedade, etc. Ou seja, uma proposta curricular pedagógica que tenha como base as práticas de vida, onde a Agroecologia se centraliza como uma área importante pelo que ela representa na e pela vida.

A modernidade se apresenta preponderantemente sob a égide de “*uma cultura reducionista científica predominante que é cuidadosa, se não hostil, a métodos holísticos de pesquisa*” (HOLMGREN, 2007). Neste sentido, um dos desafios principais para uma plena e íntegra incorporação da agroecologia nos currículos dos cursos de geografia, é a composição do quadro docente com professora(e)s que tenham sensibilidade, formação ou, pelo menos, afinidades conceituais para o exercício de uma ciência de base holística, alicerce elementar da agroecologia.

Constata-se, portanto que é necessário um esforço genuíno daqueles que fazem a ciência geográfica brasileira em trazer para o diálogo, a significativa contribuição do arcabouço vivencial-teórico-reflexivo da Agroecologia ao processo coletivo de construção do pensamento geográfico, e assim causar fissuras, de forma paulatina e decisiva, na estrutura das epistemologias dominantes.

1. REFERÊNCIAS

ABA. **VII Congresso Brasileiro de Agroecologia** (Caderno de Programação). Fortaleza: Associação Brasileira de Agroecologia, 2011. 36p.

----- **I Seminário Nacional de Educação em Agroecologia** – Construindo Princípios e Diretrizes. Recife: Associação Brasileira de Agroecologia, 2013. Disponível em: < <https://aba-agroecologia.org.br/i-snea/> > Acesso em: 02 abri. 2022.

----- **II Seminário Nacional de Educação em Agroecologia** – Resistências e Lutas pela Democracia. Seropédica: Associação Brasileira de Agroecologia., 2016. Disponível em: < <https://aba-agroecologia.org.br/o-que-e-o-ii-snea/> > Acesso em: 02 abri. 2022.

AGUIAR, M. V. A. Educação em Agroecologia – que formação para a sustentabilidade? **Revista Agriculturas**, pp. 4-6, v. 7, n. 4 dez. de 2010. Disponível em: < http://aspta.org.br/files/2013/04/Agriculturas_V7N4_DEZ2010.pdf > Acesso em: 02 abri. 2022.

AGUIAR, M. V. A.; MATOS, J. L. S. de; LIMA, J. R. T. de; FIGUEIREDO, M. A. B.; SILVA, J. N. da; CAPORAL, F. R. Princípios e Diretrizes da Educação em Agroecologia. **Cadernos de Agroecologia**, v. 11, pp. 1–16, I Seminário Nacional de Educação em Agroecologia — Recife/Olinda/PE — Construindo Princípios e Diretrizes, 2016. Disponível em: < <https://revistas.aba-agroecologia.org.br/cad/article/view/20800/12894> > Acesso em: 02 abri. 2022.

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: Bases científicas para uma agricultura sustentável.** Rio de Janeiro: ASPTA/Editora Agropecuária, 2002. 592p.

AUÊ. **Disciplina ministrada pelo AUÊ!** Belo Horizonte: Grupo AUÊ! Estudos em Agricultura Urbana – Instituto de Geociências – Universidade Federal de Minas Gerais. Notícias, 23 jul. 2018. Disponível em: < <https://aueufmg.wordpress.com/2018/07/23/disciplina-agricultura-urbana-agroecologia-saberes-e-praticas-metropolitanas/> > Acesso em: 02 dez. 2021.

AUÊ. **Sementes da R.U.A. Metropolitana:** Rede Urbana de Agroecologia — RMBH. Belo Horizonte: Grupo AUÊ! Estudos em Agricultura Urbana — Instituto de Geociências — Universidade Federal de Minas Gerais. Março de 2020. Disponível em: < <https://aueufmg.files.wordpress.com/2020/04/sementes-da-rua1-compressed.pdf> > Acesso em: 02 dez. 2021.

ÁZARA, L. R.; TUBENCHLAK, F.; LIMA, M. J. G. S. de. A inserção da Agroecologia no Instituto de Biologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IB-UFRJ). **Cadernos de Agroecologia**, v.13, n.1, pp 1-6. Anais do VI Congresso Latino-americano de Agroecologia; X Congresso Brasileiro de Agroecologia; V Seminário de Agroecologia do Distrito Federal e Entorno; 12 a 15 de setembro de 2017, Brasília/DF. Disponível em: < <http://cadernos.aba-agroecologia.org.br/index.php/cadernos/article/view/656> > Acesso em: 02 dez. 2021.

AZEVEDO, O. E. Desafios e Perspectivas da Agroecologia. pp. 167-183. In. CAPORAL, F. R.; AZEVEDO, O. E. (Orgs.) **Princípios e Perspectivas da Agroecologia.** Curitiba: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná, 2011. 192p.

BRASIL. **e-MEC.** Instituições de educação superior e cursos cadastrados – consulta textual – Agroecologia. Disponível em: < <http://emec.mec.gov.br> > Acesso em: 02 abril. 2022.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e Extensão Rural Sustentável: Contribuições para a Promoção do Desenvolvimento Rural Sustentável.** Porto Alegre: Ed. Dos Autores, 2004. 177p.

CASTRO, J. de. Estratégia do desenvolvimento. pp. 101- 121 In: CASTRO, A. M. de. (Org.) **Fome, um tema proibido:** últimos escritos de Josué de Castro. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003, 239p.

COSTA, H. S. de M.; MARTINS, G. C.; ALENCAR, V. G. de S. L. Quando campos disciplinares se encontram: uma aproximação entre direito à cidade e direito à alimentação. pp.261–289 In: D’OTTAVIANO, C.; MEDEIROS, S. R. F. Q. de. **Planejamento urbano e regional:** ensino pesquisa e extensão. Belo Horizonte: Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ANPUR), 2021. Disponível em: < <https://drive.google.com/file/d/13BugVAVjL4Ne9Avn5CODL-pweOYZSamy/view> > Acesso em: 02 dez. 2021.

GOMES, T.O. **Formação superior em agroecologia e educação no campo:** práticas sociais que transbordam áreas de conhecimento. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em Agroecologia. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2014, 122p.

HOLMGREN, D. **Os Fundamentos da Permacultura.** Tradução: PIERGILI, A.V. P.; FREITAS, A. R. de. Austrália: Holmgren Design Service, 2007. 27p.

IFES. **Projeto Pedagógico do Curso – Licenciatura em Geografia**. Nova Venécia: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, 2019, 190p. Disponível em: < https://ifes.edu.br/images/stories/PPC_LICENCIATURA_EM_GEOGRAFIA.pdf > Acesso em: 02 dez. 2021.

IFPB. **Projeto Pedagógico de Curso – Agroecologia Campus Picuí**. João Pessoa: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, 2017, 291p. Disponível em: < https://estudante.ifpb.edu.br/media/cursos/21/documentos/ppc_agroecologia_00a4mEk.pdf > Acesso em: 02 abril. 2022.

JACOB, L. B. **Agroecologia e universidade: entre vozes e silenciamentos**. (Tese) Centro de Energia Nuclear na Agricultura. Piracicaba: Universidade do Estado de São Paulo, 2011. 221p.

MOTA, F. L. Agroecologia e formação de professores: uma experiência em área de assentamentos no município de Arame/MA. **Campo-Território: Revista de Geografia Agrária**, v.5, n.10, ago. 2010. pp. 349–353 Disponível em: < <https://seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/11966> > Acesso em: 02 dez. 2021.

NANNI, A. S. Permacultura na academia. pp. 34–44. In: MANESCHY, D.; MARTINS, P.; MENEZES, J.; SÁNCHEZ, C. (Orgs.) **Convergências Socioambientais: Pesquisas em Permacultura, Agroecologia e Educação Ambiental**. Macaé: Editora NUPEM, 2020. 163p.

NANNI, A. S.; NÓR, S.; BLANKENSTEYN, A.; CORRÊA, C. H.; COUTO, I. C.; MOTA, J.; VENTURI, M.; MARTINS, P. B.; SIGOLO, R. P.; PESSOA, Y. E. K. M. **Ensinando permacultura**. 1. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2019. 166p.

NANNI, A. S.; BLANKENSTEYN, A.; SIGOLO, R. P.; NÓR, S.; VENTURI, M. Construindo a permacultura na academia brasileira. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 13, n. 1, maio, 2018. pp. 193-205. Disponível em: < <http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/rbagroecologia/article/view/22439> > Acesso em: 02 dez. 2021.

PASINI, I.; D'ANDREA, P. **Devolutiva à entidade sobre o IV Encontro Nacional de Agroecologia: avaliações e desafios**. Associação de Geógrafos Brasileiros — Seção Local Viçosa GT Agrária Rio de Janeiro — Niterói. Notícias, 26 de junho de 2018. Disponível em: < <https://www.agb.org.br/nota-de-apoio-da-agb-sl-vicosa-aos-trabalhadores-e-trabalhadoras-da-rede-estadual-de-educacao-do-estado-de-minas-gerais-2/> > Acesso em: 02 dez. 2021.

PEREIRA, M. C. B. Agroecologia na formação universitária: da ecologia à Agroecologia e do ecossistema ao agroecossistema. **Cadernos de Agroecologia**, v. 11, pp. 1–14, I Seminário Nacional de Educação em Agroecologia — Recife/Olinda/PE — Construindo Princípios e Diretrizes, 2016. Disponível em: < <https://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/20881> > Acesso em: 02 dez. 2021.

PINTO, S. de D. **Identidades e Trajetórias de Educadores na Agroecologia**. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. Seropédica: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2014. 211p.

SÃO PAULO. **Protocolo de transição agroecológica e de estímulo à agricultura orgânica.** São Paulo: Governo do Estado do Estado do São Paulo / Associação De Agricultura Orgânica / Instituto Kairós, 2016. 8p.

SANTOS, A. B. dos. **Colonização, Quilombos, Modos e Significações.** Brasília: INCTI/UNB, 2015. 150p.

SHIVA, V. **Monoculturas da mente: perspectiva da biodiversidade e da biotecnologia.** Tradução: AZEVEDO, D. de A. São Paulo: Editora Gaia. 2003. 83p.

SOUSA, R. P. **Educación profesional y Sabidurías de los jóvenes campesinos en la Amazonía: Una reflexión desde la Agroecología política.** (Tese) Programa de Doctorado en Sociedad y Medioambiente. Sevilla: Universidad Pablo de Olavide, 2015. 351p.

_____ Educação em agroecologia: reflexões sobre a formação contra hegemônica de camponeses no Brasil. **Ciência e Cultura.** vol.69 no.2 São Paulo, apr. /jun. 2017. Disponível em: < http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252017000200011 > Acesso em: 02 abri. 2022.

STAMATO, B. **Pedagogia del Hambre versus Pedagogia de Alimento: contribuciones hacia un nuevo proyecto pedagógico para las Ciencias Agrarias en Brasil a partir del programa de formación de técnicos de ATER en Botucatu/SP y de los cursos de grado en Agroecologia.** (Tese) Departamento de Educación. Córdoba/España: Universidad de Córdoba, 2012. 360p.

UFOB. **Projeto Pedagógico do Curso de Geografia-Bacharelado.** Barreiras: Universidade Federal do Oeste da Bahia, 2015a. 267p. Disponível em: < <https://ufob.edu.br/ensino/graduacao/geografia/geografia-bacharelado.pdf> > Acesso em: 02 dez. 2021.

UFOB. **Projeto Pedagógico do Curso de Geografia-Licenciatura.** Barreiras: Universidade Federal do Oeste da Bahia, 2015b. 346p. Disponível em: < <https://ufob.edu.br/ensino/graduacao/geografia/licenciatura-geografia.pdf> > Acesso em: 02 dez. 2021.

UEPB. **Projeto Pedagógico de Curso de Agroecologia.** Lagoa Seca: Universidade Estadual da Paraíba, 2016, 166p. Disponível em: < <https://sistemas.uepb.edu.br/carelatorios/RelatorioPPC?id=5&rl=RelatorioPPC> > Acesso em: 02 abri. 2022.

UFCG. **Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia.** Sumé: Universidade Federal de Campina Grande, 2012, 202p. Disponível em: < https://www.cdsa.ufcg.edu.br/home/arq/documentos/ppc/ppc_agroecologia.pdf > Acesso em: 02 abri. 2022.

UFPB. **Projeto Político Pedagógico Curso de Graduação Agroecologia.** Bananeiras: Universidade Federal da Paraíba, 2010, 98p. Disponível em: < <https://www.ufpb.br/cchsa/contents/anexos/cursos-graduacao/agroecologia/ppc-agroecologia-ufpb.pdf> > Acesso em: 02 abri. 2022.

Paulo Eduardo Rolim Campos

Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Programa de Pós-graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial. Geógrafo, especialista em Permacultura, mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável e doutorando em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1978-6811>

Email: permaculturakariry@gmail.com

Marcelo Casimiro Cavalcante

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Instituto de Desenvolvimento Rural. Zootecnista, mestre e doutor em Zootecnia.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7950-0515>

Email: marcelocasimiro@unilab.edu.br

Vilmar Luiz Lermen

Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Programa de Pós-graduação em Extensão Rural. Pedagogo, especialista em Geografia, mestrando em Extensão Rural.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3365-6578>

Email: vilmarsabia@yahoo.com.br

Luciana Melo de Medeiros Rolim Campos

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Programa de Pós-graduação em Antropologia. Administradora Pública — Gestora Social, mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável, mestranda em Antropologia.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7713-0223>

Email: lucianamm13@gmail.com

Artigo recebido em 15/01/2022 e aceito em 09/08/2022